



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Sobre o lugar e a função do fantasma entre os anos de 1953 a 1964 do ensino de Lacan¹

Marcelo Walmir Araldi

Orcid: [0000-0001-7154-1080](https://orcid.org/0000-0001-7154-1080)

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná / UFPR (Paraná, Brasil)
Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná / PUC-PR (Paraná, Brasil)
E-mail: marcelowaraldi@gmail.com

Rosane Zétola Lustoza

Orcid: [0000-0001-5299-4316](https://orcid.org/0000-0001-5299-4316)

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Professora Associada da Universidade Federal do Paraná / UFPR (Paraná, Brasil)
E-mail: rosanezetola@gmail.com

Resumo: O conceito de fantasma possui uma importância crucial para o enquadramento da experiência em psicanálise. Este artigo pretende situar o lugar e a função do fantasma neurótico na experiência analítica partindo da função da fala, tal como proposto por Lacan. Para tanto, selecionamos alguns textos e seminários de Lacan situados entre os anos de 1953 a 1964. Nossa hipótese de trabalho consiste na suposição de que, ao enquadrar uma realidade constituída inconscientemente enquanto resposta ao desejo do Outro, o fantasma serve para perpetuar ao neurótico um senso de ser idêntico a si mesmo à medida em que tende a promover um apagamento de contradições provenientes da posição que, como sujeito, ocupa em relação a este desejo. Ao ser concebida como irrupção de um objeto com valor de não-eu no enquadre fantasmático, a angústia produz um efeito reverso, constituindo, por conseguinte, tanto uma contraprova quanto um apoio na demonstração dessa hipótese.

Palavras-chave: Fantasma; Desejo do Outro; Fala; Angústia; Direção do tratamento.

Sur la place et la fonction du fantôme entre les années 1953 et 1964 dans l'enseignement de Lacan :

Le concept de fantôme revêt une importance cruciale pour encadrer l'expérience en psychanalyse. Cet article veut situer la place et la fonction du fantasme névrotique dans l'expérience analytique à partir de la fonction de la parole, comme le propose Lacan. Pour cela, nous avons sélectionné quelques textes et séminaires de Lacan situés entre les années 1953 et 1964. Notre hypothèse de travail est qu'en encadrant une réalité inconsciemment constituée en réponse au désir de l'Autre, le fantôme sert à perpétuer chez le névrosé un sentiment d'être identique à lui-même dans la mesure où il tend à favoriser un effacement des contradictions nées de la position qu'il occupe, en tant que sujet, par rapport à ce désir. Conçue comme l'irruption d'un objet ayant valeur de non-moi dans le cadre fantasmatique, l'angoisse produit un effet inverse, constituant donc à la fois une contre-preuve et un support à la démonstration de cette hypothèse.

Mots-clés: Fantôme; Désir de l'Autre; Parole; Angoisse; Direction de la cure.

About the place and function of the phantasm between the years of 1953 to 1964 of Lacan's teaching:

The concept of the phantasm holds a crucial importance for framing the experience in psychoanalysis. This article aims to situate the place and function of the neurotic phantasm in the analytical experience, starting from the function of speech as proposed by Lacan. To do so, we have selected some texts and seminars by Lacan between the years of 1953 to 1964. Our working hypothesis is that by framing an unconsciously constituted reality as a response to the Other's desire, the phantasm serves to perpetuate in the neurotic subject a sense of being identical to themselves as it tends to promote an erasure of contradictions arising from the subject's position in relation to this desire. When conceived as the irruption of an object with a non-ego value in the phantasmatic frame, anxiety produces a reverse effect, thereby constituting both a counterproof and a support in demonstrating this hypothesis.

Keywords: Phantasm; Desire of the Other; Speech; Anxiety; Direction of the treatment.

Sobre o lugar e a função do fantasma entre os anos de 1953 a 1964 do ensino de Lacan

Marcelo Walmir Araldi & Rosane Zétola Lustoza

Introdução

O fantasma possui uma importância crucial para o enquadramento da experiência analítica. Trata-se de um operador clínico que ampara a interpretação e o ato analítico, tendo, assim, um valor heurístico fundamental para estabelecer a direção do tratamento dos sintomas neuróticos. Nesse sentido, desde Freud, a tradição psicanalítica toma a fantasia como algo que modula o sintoma. Lacan distingue as fantasias do fantasma, sendo o segundo, não as primeiras, alçado por ele à função de modular o sintoma. Nesse sentido, as fantasias estariam situadas no eixo especular, manifestando-se sob a forma dos devaneios, sonhos diurnos, seriam proeminentemente imaginárias e teriam o eu como referência; enquanto o fantasma, por sua vez, devido a sua relação com o significante, seria aquilo que demarcaria propriamente a dimensão inconsciente da posição do sujeito em relação ao desejo do Outro.

Nos chama atenção que é possível encontrar nas bases de dados uma quantia significativa de artigos que possuem por tema os assim chamados “novos sintomas”, ou nos quais efetua-se alguma referência a estes na clínica contemporânea (por exemplo, Iglesias, 2007; Tarrab, 2006), mas nos quais a questão do fantasma fica intocada ou, então, apareça em considerações marginais. De modo geral, partindo da hipótese do “declínio da função paterna”, tais trabalhos supõem que aquilo que permitiria distinguir os novos sintomas na clínica estaria em que estes não se apresentariam como um apelo, que não seriam endereçados a um Outro como mensagem cifrada. Há alguns trabalhos, como o de Lustoza & Calazans (2010) e Lustoza, Cardoso, & Calazans (2014), que adotam uma perspectiva crítica em relação a essa posição. Mas, como indicamos acima, avaliamos que o debate passa, necessariamente, pela questão do fantasma. Nesse sentido, propomos um retorno a este conceito, revisando os passos de sua formalização no ensino de Lacan, pois acreditamos que isso realça um aspecto cuja importância nos parece frequentemente secundarizada em observações acerca dos “novos sintomas” e também por nos possibilitar avançar uma hipótese que avaliamos constituir um argumento adicional para o debate a partir dessa perspectiva que denominamos crítica.

Assim, buscamos aqui investigar o lugar e a função do fantasma no ensino de Lacan de 1953 até 1964. Para levar a cabo essa tarefa, o artigo foi dividido em três partes. Em um primeiro momento, verificamos como a formalização do Esquema L permitiu a Lacan situar as fantasias imaginárias, porém, deixando em aberto a especificidade da relação entre o fantasma e os outros registros. Em um segundo momento, tomamos o grafo do desejo como um instrumento que permitiu a Lacan precisar o lugar e a função do fantasma entre simbólico e real. Nossa hipótese é que o fantasma assegura ao neurótico um senso de ser idêntico a si mesmo, enquanto o mantém alienado de sua posição de sujeito em relação ao desejo do Outro. Finalmente, buscamos demonstrar como a angústia constitui uma contraprova dessa hipótese.

O Esquema L e sua contribuição para a definição do fantasma

Em seu Discurso de Roma, Lacan (1953/1998a) parte do fato de que a psicanálise é uma clínica de um sujeito que fala e é disto que deveríamos partir para apreender como o sujeito é constituído pela e na linguagem. Isso o leva a constatar uma característica curiosa da fala: "Ora, toda fala pede uma resposta. Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise" (Lacan, 1953/1998a, p. 248-249).

Ainda que o ato de fala seja uma **afirmação**, esta é tomada como tendo o valor de uma interrogação que solicita uma resposta. Ademais, a expectativa da resposta indica que há um retorno dessa fala. Atribuindo a essa resposta que retorna ela mesma o estatuto de fala, podemos perceber que, nesse retorno, ela mesma relançaria o pedido de resposta, voltando como um bumerangue ao locutor original da fala. Isso evidentemente gera um círculo vicioso. O único modo de escapar a esse impasse sem saída seria supor que aquele de quem se espera uma resposta não seria exatamente o ouvinte, aqui entendido como um outro sujeito, mas uma instância que não se confunde com ele. Quando Lacan afirma que a fala espera uma resposta, seu foco não está, portanto, na intersubjetividade, no outro sujeito que responde, mas na alteridade a qual cada sujeito se dirige ao falar.

Esse apelo da fala é sensível na clínica durante a articulação que o paciente faz das suas demandas, como quando, após ter contado algo sobre seu sofrimento, o sujeito nos inquirir: "Então, o que é que eu tenho?". A abstinência do analista aqui é fundamental, uma vez que ele não responderá como sujeito, mas fará emergir a instância da alteridade. A questão é que **este que vem nos falar de seus sofrimentos já nos endereça alguma interpretação acerca daquilo que padece**, e convém ao analista pôr isto a trabalho na transferência.

Seguindo o circuito dessa fala, Lacan chama atenção para o problema que se cria quando o analista não reconhece que a fala já é portadora de uma interpretação prévia que o sujeito faz tanto de si, quanto da alteridade, indicando que se isso for ignorado, o analista:

[...] só fará experimentar mais fortemente seu apelo, e, se é o vazio que nela se faz ouvir inicialmente, é em si mesmo que ele o experimentará, e é para-além da fala que irá buscar uma realidade que preencha esse vazio. Assim, ele passa a analisar o comportamento do sujeito para ali encontrar o que ele não diz (Lacan, 1953/1998a, p. 249).

O contexto dessa passagem é o de uma crítica às correntes da Psicanálise que buscavam legitimar a interpretação por sua conformidade com a realidade factual, para além da fala. Note-se que Lacan está dizendo que a tentação de buscar uma realidade objetiva para amparar a interpretação é um equívoco que teria uma função defensiva: a de **remediar um vazio**. Ora, não seria esse lugar vazio aquilo que o ser falante obtém como resposta para a sua própria pergunta? Embora a formalização

do fantasma² não date dessa época, parece-nos que este tem uma afinidade com a noção de uma realidade que preenche um vazio.

Se toda fala tem valor de pergunta, resta saber para quem o sujeito pergunta. Lacan desdobrará essa alteridade que teria a incumbência de resposta em duas dimensões distintas. Há o pequeno outro, outro imaginário, cuja resposta tende a confirmar o senso que o eu tem de si, um recrudescimento de suas certezas cotidianas. Mas há também o Outro simbólico, cuja resposta poderia ser justamente escutar a fala do sujeito como uma questão que ele formula sobre quem ele é. É nesse nível de interrogação que pode aparecer a experiência do vazio. A relação especular impõe um desvio dessa experiência.

Lacan (1954-1955/2010) discerne essa estrutura da fala com o auxílio do Esquema L, no *Seminário 2*. Distingue quatro lugares: o eu (a), o outro especular (a'), sujeito (S), o Outro (A). Verificamos nele que o eixo simbólico do inconsciente (A-S), que Lacan chama de "muro da linguagem" (1954-1955/2010, p. 331), entrecruza o eixo da relação imaginária (a-a'), que atua como uma barreira que interrompe a resposta recebida ao apelo contido na fala.

Esse esquema é construído sob o pano de fundo da fórmula da comunicação humana, que Lacan (1962-1963/2005) considera essencial: a de que o sujeito recebe a mensagem que emite ao Outro, deste mesmo Outro, mas de maneira invertida. Entretanto, além de invertida, a mensagem da resposta que retorna ao apelo da fala nesse circuito tende a vir picotada devido àquela barreira imaginária. O corolário dessas formulações é que, no uso da linguagem, o mal-entendido é constitutivo da subjetividade. "No diálogo comum, no mundo da linguagem estabelecida, no mundo do mal-entendido comumente recebido, o sujeito não sabe o que diz" (Lacan, 1954-1955/2010, p. 362).

Neste seminário, uma das preocupações centrais de Lacan é demonstrar como o sujeito do inconsciente com que opera a psicanálise é fundamentalmente descentrado em relação ao eu (*moi*). Este descentramento é necessário pois:

O inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu. É fora deste campo que existe algo que tem todos os direitos de se expressar por [eu] e que demonstra este direito pelo fato de vir à luz expressando-se a título de [eu]. *Justamente aquilo que é o mais não reconhecido no campo do eu que na análise se chega a formular como sendo [eu] propriamente dito* [grifo nosso]. (Lacan, 1954-1955/2010, p. 17).

Não obstante, esse sujeito (o [Eu] da citação) cai na "loucura bastante comum e que não é uma loucura total, pois faz parte da ordem das crenças" (1954-1955/2010, p. 22), e que consiste no ato de crer que "ele é ele" (p. 22) mesmo. Essa loucura é tributária do que Lacan promoveu como o estádio do espelho. Nos interessa demarcar que antes da precipitação de uma unidade virtual imaginária do corpo que permita o reconhecimento de si mesmo ser conquistada pela criança, Lacan faz intervir a ideia de que ela vive esse corpo como despedaçado. Em todo caso, essa imagem não apreende o [Eu]

em sua completude, como se depreende do seguinte trecho:

Toda a dialética que lhes dei a título de exemplo com o nome de estádio do espelho está fundamentada sobre a relação entre, de um lado, um certo nível das tendências vivenciadas [...] como que desconectadas, discordantes, despedaçadas – *e sempre fica alguma coisa* – [grifo nosso], e por outro lado, uma unidade com a qual ele se confunde e se emparelha (Lacan, 1954-1955/2010, p. 73).

Se o eu (*moi*) se apreende a partir da imagem do outro [i(a)], o aspecto sedutor dessa imagem não se liga apenas à sua função de defesa contra o despedaçamento, mas também à função do conhecimento: "essa imagem é fechada, encerrada, gestáltica, ou seja, marcada pela predominância de uma boa forma" (Lacan, 1962-1963/2005, p. 277). Com Miller, depreende-se que, na estrutura, **essa loucura comum na qual o sujeito cai poderia ser escrita como** $a = a$, "um sujeito idêntico a si mesmo"³ (1981/2018a, p. 20).

Só que o Eu (*Je*), sujeito falante, é uma variável simbólica, não é o eu (*moi*), o que justificará Lacan afirmar, em referência ao poema de Rimbaud, que o "[Eu] é um outro" (Lacan, 1954-1955/2010, p. 17), dado que nessa confusão ele se apreende a partir da imagem do outro especular. Assim, haveria uma falha, uma "clivagem" (p. 32) entre o plano imaginário e a intervenção do simbólico, que denota a heterogeneidade desses registros.

Por ser sobredeterminado por um registro simbólico em que o mal-entendido é estruturante, o conhecimento intuitivo do registro imaginário circula na "ambiguidade de um desconhecer [*méconnaître*] essencial ao conhecer-me [*me connaître*]" (Lacan, 1960/1998e, p. 823). Todavia, para Lacan, a experiência analítica indicaria "que o eu é uma forma absolutamente fundamental para a constituição dos objetos" (Lacan, 1954-1955/2010, p. 330) que ali comparecem.

Apesar de heterogêneos, como simbólico e imaginário poderiam ser então conjugados? Seguindo a orientação freudiana, Lacan indica que "o sistema Ψ , predecessor do inconsciente, ali manifesta sua originalidade, por só poder satisfazer-se ao *reencontrar o objeto fundamentalmente perdido* [grifo do autor]" (Lacan, 1955/1998b, p. 50). Efetivamente, estando em função desta busca da repetição de uma suposta satisfação originalmente vivenciada por intermédio desse objeto perdido na relação com o Outro, a cadeia significante inconsciente que veicula a mensagem invertida e interrompida, resposta ao apelo do vazio da fala, apresenta uma insistência por almejar reencontrar esse objeto, de modo que esse ponto permite Lacan estabelecer a relação entre essas duas coisas:

[...] o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*) extrai seu princípio do que havíamos chamado de *insistência* [grifo nosso] da cadeia significante. [...]. [...]. [...]. Decerto sabemos da importância das impregnações imaginárias (*Prägung*) nas *parcializações da alternativa simbólica* [grifo nosso] que dão à cadeia significante seu aspecto. Mas nós estabelecemos que

é a lei própria a essa cadeia que rege os efeitos psicanalíticos para o sujeito, tais como a forclusão (*Verwerfung*), o recalque (*Verdrängung*) e a própria denegação (*Verneinung*) –, acentuando com a ênfase que convém que esses efeitos seguem tão fielmente o deslocamento (*Entstellung*) do significante que os fatores imaginários, apesar de sua inércia, neles não figuram senão como sombras e reflexos (1955/1998b, p. 13).

Então, a relação em questão é dialética. Por um lado, pautando-se pela busca do objeto perdido, a insistência da cadeia significante inconsciente permite a Lacan deduzir, a um só tempo, que o simbólico exhibe uma autonomia em relação ao imaginário e, além disso, que o significante apresenta uma primazia em relação à imagem, isto é, determina o que se passa no eixo imaginário apesar da barreira imaginária interromper a mensagem inconsciente. Por outro, o reencontro do objeto perdido não exaure a busca, pelo contrário, demonstra-se irreduzível à cadeia significante, de modo que é isso o que impede o sujeito não apenas a apreender-se em sua completude por uma imagem, mas também a representar-se univocamente por um significante.

Tendo Lacan acomodado assim o “desejo inconsciente em sua persistência indestrutível” (1955/1998b, p. 57), tão caro a Freud, ambas estas coisas definem o horizonte do que importará para dar conta do fantasma na sequência de seu ensino: o retorno do apelo ao Outro sob a forma da mensagem invertida, interrompida e insistente como o que sobredetermina a cena fantasmática, mas também a busca pelo objeto perdido, que de algum modo comparece no fantasma sob a forma de restos de pedaços do corpo imaginário que não entram na unidade virtual que é o eu.

Ora, se imaginário e simbólico são dois registros heterogêneos, vimos, por outro lado, que aquilo que é o mais não reconhecido como eu (*moi*) eventualmente é elaborado como Eu (*Je*) numa análise, em que o inconsciente comparece como escapando ao círculo de certezas que sustentam a loucura comum do sujeito crer que é si mesmo, $a = a$. Com efeito, Miller (1982-1983/2018b) indica que é o matema do fantasma o que permitirá conjugar dois elementos heterogêneos, de modo que podemos vislumbrar que **o fantasma teria certa função de perpetuar essa crença ilusória** por meio de certa montagem simbólico-imaginária que conformando uma realidade, preenche um vazio.

No entanto, no contexto do *Seminário 2*, Lacan ainda não forjou o matema do fantasma. Aqui, Miller (1982-1983/2018b) nos orienta indicando que, nesse momento de seu ensino, o problema que se coloca para Lacan da perspectiva do fantasma está em como relacioná-lo com o significante. Por este motivo, não é possível situar o lugar e a função do fantasma no Esquema L. Entretanto, este esquema nos permite situar o lugar da fantasia e contextualizar o referido problema, justificando que nele nos detenhamos por mais um momento.

Pouco antes de introduzir o Esquema L, Lacan aponta para a complexidade da distinção, em Freud, entre fantasia inconsciente, sonho e devaneio. Indica que o devaneio estaria “no nível do eu, é satisfação imaginária, ilusória, do desejo, tem uma função bem localizada [...], na superfície” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 289). Então, o devaneio está no eixo imaginário, algo que encontra uma satisfação

local – e aqui Lacan pode desde já reduzir o devaneio à fantasia do eu, abrangendo a fenomenologia da luta pelo prestígio e exibição sexual no âmbito da relação especular. Porém, recorda que, para Freud, a realização do desejo inconsciente obtém uma satisfação em outro lugar, na outra cena do inconsciente (*eine andere Schauplatz*). Mas, uma vez que Freud condiciona o devaneio à fantasia inconsciente, pergunta-se: qual seria a relação entre ambos? E então faz a seguinte observação:

Afinal, é unicamente no nível do eu que vemos aparecer a função do devaneio na estruturação do sonho. E é também unicamente a partir do eu que extrapolamos para pensar que existe, em algum lugar, um *devaneio sem o eu*, que existem fantasias inconscientes. *Paradoxalmente, a noção de fantasia inconsciente, de atividade fantasística, só é promovida fazendo-se o desvio pelo eu* [grifo nosso] (Lacan, 1954-1955/2010, p. 290).

Um devaneio sem o eu. É a isto que Lacan reduz a dimensão da fantasia inconsciente no pensamento freudiano. Mas, apesar de ser sem o eu, ainda assim tem algo a ver com ele. Quando tratamos acima do vazio do apelo da fala, vimos como isso contém um empuxo ao nível especular, para dali buscar uma realidade para-além da fala a fim de preenchê-lo. Lacan aqui, a propósito da relação entre a fantasia do eu e da fantasia sem o eu, se mantém, portanto, estritamente no circuito da fala. De nossa parte, será necessário verificar se o matema do fantasma guardará alguma relação com essa noção de um devaneio sem o eu, pondo em destaque como o problema da relação entre fantasma e significante será resolvida.

O grafo do desejo: a articulação entre fantasma e significante

Como o problema da relação entre fantasma e significante é resolvida? Entendemos que este problema será melhor equacionado com a construção do grafo do desejo. Com o grafo, Lacan (1960/1998e) afirmará que a primeira identificação do sujeito não se dá com a imagem, mas sim com o Outro materno, o Outro em posição de onipotência. “Essa potência é a de sua fala, aquela do dito primeiro que, eu cito, legífera, sentença, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade” (Soler, 2018, p. 55).

Essa passagem comporta a inscrição de uma insígnia da onipotência do Outro [I(A)], chamada de traço unário, “que, por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o Ideal do Eu” (Lacan, 1960/1998e, p. 822). O que é efetuado desse modo é a condição de possibilidade para o Eu (*Je*) do discurso. Isso não reduz a importância do estádio do espelho, apenas o condiciona ao traço unário: “é essa imagem que se fixa, eu ideal, desde o ponto em que o sujeito se detém como Ideal do Eu” (Lacan, 1960/1998e, p. 823). E, dado que o traço unário se baseia em uma insígnia da onipotência do Outro, decorre que, na assunção da imagem pelo eu (*moi*), o Outro é instalado em uma posição de validação dessa imagem (Lacan, 1961/1998f).

No entanto, o “eu só se completa ao ser articulado não como [Eu] do discurso, mas como metonímia de sua significação” (Lacan, 1960/1998e, p. 824), ou seja, precisamente quando adquire a capacidade de parcializar a alternativa simbólica. Aqui se produz essa juntura entre o significante, o eu que se apreende a partir da imagem do outro – e que é onde Lacan situa o sujeito da fala (*Je*) –, Outro e voz, entre imaginário e simbólico, fala e linguagem, na qual o sujeito vem a cair na loucura de crer que é eu (*moi*), e cuja consistência é suportada pelo traço unário, mas cuja eficácia deverá ser continuamente reassegurada no fantasma como pretendemos argumentar.

Lembremos que o sujeito representado pelo significante nunca encontra neste campo uma representação definitiva do seu ser. A identificação ao traço unário aparece como um meio de cobrir a fenda aberta pelo significante. Só que a marca invisível obturada pelo traço unário não exaure a fenda constitutiva do sujeito. Pelo contrário, se, ao obturá-la, o traço unário aliena o sujeito no Outro do significante, paradoxalmente, isso tem por efeito perpetuar essa fenda que é o sujeito, que desaparece sob o significante e ressurge no apelo a outro significante, e assim por diante (Lacan, 1964/1998g). Desta maneira, a cada vez que o sujeito deixa-se representar por um significante, isso é ao preço de seu próprio desaparecimento.

Apesar de estarmos habituados a pensar que nós somos nós mesmos, de que tanto nossa posição quanto a do outro são transparentes naquilo que se diz cotidianamente, essa formulação de Lacan indica o quanto isso é mais complexo. Basta nos referirmos à sentença produzida por um paciente de Freud, ao relatar um sonho que teve com seu pai que morrera de uma doença penosa: no sonho, o sujeito vê seu pai, mas este não sabia que estava morto. Onde poderíamos nela situar a posição do sujeito em relação àquilo que diz? Nesse sentido, o fantasma adquire uma relevância particular na análise.

À medida em que produz um discurso articulado, o sujeito é constantemente levado a deparar-se nos intervalos da cadeia significante com o desejo do Outro (Lacan, 1964/1998g). A razão disso é estrutural: Lacan (1960/1998e) concebe que o desejo do Outro tem o valor de uma pergunta fundamental, feita do lugar do Outro e dirigida para o sujeito: *Che vuoi?* Que queres? Lacan (1962-1963/2005) indica que esta pergunta é o ponto de articulação que leva à estrutura completa do grafo, permanecendo suspensa entre seus dois patamares superpostos. Desta maneira, aquela pergunta implícita em todo ato de fala encontraria no campo do Outro não exatamente uma resposta, e sim uma outra pergunta: que queres?

Como que num reflexo desta pergunta, Lacan reveste o desejo de uma “opacidade” que “constitui como que a [sua] substância” (1960/1998e, p. 828). Quando evoca essa pergunta, Lacan frequentemente ressalta seu caráter enigmático (1958-1959/2016; 1962-1963/2005). Assim, os vetores desta pergunta do desejo do Outro no grafo apontam para o matema do fantasma, que aparece pela primeira vez em sua construção.

Uma pergunta, especialmente a do desejo, clama por uma resposta. Manifestando-se como resposta inconsciente à pergunta colocada pelo desejo do Outro, o fantasma confere algum sentido ao

que nele permanece de opaco, de enigmático, convertendo-se, assim, no suporte do desejo, aquilo que o acomoda em certo nível (Lacan, 1957-1958/1999; 1958-1959/2016; 1962-1963/2005). Aqui, recordamos o empuxo contido à relação especular para dali buscar uma realidade para-além da fala para preencher o vazio do apelo ao Outro. Com efeito, quando, por exemplo, não conseguimos dar sentido às motivações do outro especular, a que recorremos?

Só que, diferente da relação com o outro especular, caracterizada mais por sua inércia, nessa resposta o fantasma constitui um recurso mais “flexível com esse outro” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 28) para arranjar o que há de insondável no desejo do Outro. Assim, a fórmula do fantasma põe em relação o sujeito com um objeto, que é esse outro. Esse objeto é tido pelo objeto do desejo, que convém não confundir com o objeto *a* enquanto causa do desejo. Enquanto tal, não é o objeto perdido, mas o objeto reencontrado pelo sujeito em sua busca: trata-se de um objeto imaginário que é substituto, parcial (Lacan, 1958-1959/2016; 1962-1963/2005).

A relação em questão é representada pelo losango (\diamond), também chamado de punção por Lacan, conota que o sujeito está “numa certa relação de oposição com *a*, relação cuja polivalência é suficiente definida pelo caráter composto do losango, que tanto é disjunção, \vee , quanto conjunção, \wedge , que tanto é o maior [$>$] quanto o menor [$<$]” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 192-193). Desta maneira, a fórmula do fantasma apresenta uma versatilidade tal que se aplica para uma série de momentos subjetivos, que refletem uma covariância conforme o acento recaia para o lado do sujeito ou do objeto, um desejo que se apresenta conjugado ou disjunto em relação ao gozo. Assim:

[...] quando o sujeito não pode se manter em presença do objeto [...] o objeto humano sofre essa espécie de volatilização que [...] chamamos [...] de deslocamento. Isso não quer dizer somente que o sujeito humano [...] vê seu desejo se deslocar de objeto em objeto, mas que o próprio deslocamento é aquilo por cujo intermédio é possível manter o frágil equilíbrio de seu desejo. Afinal, de que se trata no deslocamento? Trata-se [...] de impedir a satisfação e, ao mesmo tempo, conservar um objeto de desejo. Por outro lado, porém, é também, por assim dizer, um modo de simbolizar metonimicamente a satisfação (Lacan, 1958-1959/2016, p. 121).

Com efeito, apesar dessa versatilidade da fórmula do fantasma, nos parece que seu interesse maior como operador clínico dirige-se ao rastreamento desse objeto eletivo diante do qual o sujeito encontra-se premido: essa simbolização metonímica da satisfação “faz com que o objeto tenha precisamente a função de significar o ponto onde o sujeito não pode se nomear” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 442). Quando o sujeito se depara com esse ponto na análise, tendem a emergir afetos como o da vergonha, do asco, do horror, da angústia.

Quando dizemos que sujeito está presente no fantasma, é preciso recordar que ele desaparece no significante em que a cada vez se transforma para ressurgir como fenda no apelo a um outro significante (Lacan, 1964/1998g) e, assim, subsistir no desejo; de modo que essa presença é algo

misteriosa, é uma ausência sob o pano de fundo de uma presença. Nesse sentido, o que essa dificuldade diante de um objeto eletivo demonstra ao ameaçar essa subsistência é que, não obstante, nele o sujeito se atraca para **paradoxalmente subsistir no desejo**. Contudo, ainda que o objeto signifique esse ponto em que o sujeito não pode se nomear, Lacan nos adverte:

O que o sujeito mostra, seria tão somente o ponto principal, o mais íntimo de si mesmo? Não, pois o que é suportado por esse objeto é justamente o que o sujeito não pode desvelar, nem mesmo para si mesmo. É essa coisa que está na borda mesmo do maior dos segredos (Lacan, 1958-1959/2016, p. 101).

Nesse sentido, percebe-se que, a despeito da modalidade da presença do sujeito no fantasma ser misteriosa, ao mesmo tempo designa algo da posição que ocupa diante desse outro semelhante, desse objeto, que já não pode ser meramente imaginária, senão propriamente simbólica, por se tratar também de uma posição em relação ao desejo do Outro do qual o fantasma constitui o suporte, como se depreende do trecho a seguir:

[...] a sobredeterminação só é estritamente concebível na estrutura da linguagem. Nos sintomas neuróticos, que quer dizer isso? Quer dizer que, nos efeitos que respondem num sujeito a uma determinada demanda, vêm interferir os de uma posição em relação ao outro (aqui, o outro, seu semelhante) que ele sustenta enquanto sujeito. "Que ele sustenta enquanto sujeito" significa que a linguagem lhe permite considerar-se como o maquinista ou o diretor de cena da captura imaginária da qual, de outro modo, ele seria apenas a marionete viva. A fantasia [O fantasma] é a própria ilustração dessa possibilidade original (Lacan, 1958/1998d, p. 643).

Ao mobilizar a estrutura da linguagem na fala, o traço unário permite ao ser falante crer ter domínio sobre o que diz e sobre o lugar que ocupa em relação ao seu semelhante. Entretanto, isso não impede que no fantasma o sujeito se torne uma marionete da própria linguagem, de um desejo anônimo e inquisitivo, já que veiculado por uma cadeia significativa insistente, que, por sua vez, é regida por uma Lei simbólica autônoma. Portanto, verifica-se que o fantasma efetivamente supõe, por um lado, um desvio pelo eu ao partir da relação especular entre eu (*moi*) e a imagem do outro devido ao empuxo contido no vazio do apelo ao Outro na fala; por outro lado, pode ser tomado como um devaneio sem o eu na medida em que a sucessão de imagens na cena fantasmática, constituindo uma resposta ao enigma do desejo do Outro, responde ao complexo jogo inconsciente da combinatória significativa.

Não nos parece por acaso que Lacan empregue o termo diretor de cena, tendo em vista que é precisamente como um roteiro que concebe a relação do fantasma com o significante. Aproximando-o de uma "obra literária", aponta que:

Estamos nos referindo a cenas, ou melhor, a roteiros – o que está, portanto, profundamente articulado no significante. Pois bem, toda vez que falamos de fantasia [fantasma], não convém desconhecermos o aspecto *de roteiro ou de história* [grifo do autor], que constitui uma de suas dimensões essenciais (Lacan, 1957-1958/1999, p. 421).

Destarte, o sujeito é posto em cena pela “máquina original” (Lacan, 1961/1998f, p. 655) que é o Outro, de modo que esta cena se apresenta como a latência de uma cadeia significante (Lacan, 1957-1958/1999). Trata-se de que, nesta cena, o sujeito está presente como desaparecido, mas por se aferrar a esse objeto que se desloca, **deixa-se lastrear por ele de maneira mascarada**, por imagens articuladas nessa cena que possuem valor significante. Nesse ínterim, o objeto metonímico do fantasma permanece como vestígio das condições de satisfação de um desejo indestrutível que segue um roteiro significante que está recalcado, não obstante sobredetermine o que se passa na cena fantasmática. Visto que a modalidade de presença do sujeito seja ambigualmente sustentada como uma ausência, **resta como tarefa da análise desambiguar sua posição nesta cena.**

Todavia, especificando o sentido da pergunta fundamental pelo desejo do Outro, verificamos que Lacan não a toma como incidindo apenas sobre o sujeito:

Forcem um pouquinho mais o funcionamento [...] e terão *Que quer ele de mim?* [...], com a ambiguidade que o francês permite no mim [me] entre o complemento indireto ou direto. Não se trata apenas de *Que quer ele comigo?*, mas também de uma interrogação em suspenso que concerne diretamente ao eu: não *Como me quer ele?*, mas *Que quer ele a respeito deste lugar do eu?* (Lacan, 1962-1963/2005, p. 14).

Então, o eu (*moi*) também está concernido nessa pergunta. Ora, considerando que na resposta inconsciente à essa pergunta o fantasma conjuga dois elementos heterogêneos, mas que, todavia, estão numa relação de oposição, podemos dizer que o fantasma representa uma conciliação entre o que há de insondável no desejo do Outro e uma posição mais ou menos indeterminada do sujeito em relação a esse desejo. Trata-se de uma conciliação, pois convém lembrar que o fantasma recusa ao sujeito que se saiba desejo do Outro (Lacan, 1964/1998g).

Deduz-se, assim, que o traço unário é insuficiente para estabilizar esses dois elementos instáveis: sujeito e objeto. Deste modo, o fantasma pode ser tomado como o lugar onde estes elementos encontram certa estabilidade ao constituir um recurso onde a “história” esburacada do desejo, seu roteiro de satisfação ignorado, é remendado inconscientemente à maneira de uma bricolagem com os dois elementos heterogêneos do fantasma: o significante e a imagem. Nesse sentido, diríamos que essa conciliação promovida pelo fantasma serve como o pano de fundo inconsciente com base no qual o sujeito que cai na loucura de crer que é si mesmo logra construir um discurso coeso sobre si mesmo justamente para preservar um senso de ser idêntico a si mesmo, ainda que baseada em um mal-

entendido. Vemo-nos autorizados, portanto, a sustentar que **o fantasma reassegura a eficácia do traço unário.**

Este discurso coeso é articulado pelo [Eu], mas é apenas ao se valer daquilo que a imagem ideal do eu (*moi*) – enquanto concernido na pergunta do/pelo desejo do Outro – aporta metonimicamente à significação que o [Eu] parcializa a alternativa simbólica na articulação desse discurso. Assim, esse discurso se apresenta na experiência como um “o outro quis dizer *x*”, “o outro espera *x* de mim”, “eu sou *x*”, “eu quero *x*”, e assim por diante, embora caiba recordar que as formas negativas desses enunciados possam adquirir um interesse particular na localização da posição do sujeito a depender do contexto em que sejam enunciadas. O ponto é que esse discurso que visa uma coesão tende, de modo geral, a ignorar aquela conjuntura fantasmática do pano de fundo que precisa ser construída em análise.

A vacilação do fantasma na angústia como perturbação do senso de ser si mesmo

Uma vez situado o fantasma no âmbito do grafo do desejo, tentemos precisar seu funcionamento considerando nosso ponto de partida: a fala. No grafo, essa função da fala é reduzida ao apelo da demanda feita ao Outro e, a resposta obtida, à transformação do desejo do Outro em demanda do Outro (Lacan, 1962-1963/2005). A primeira, demanda feita ao Outro, é situada por Lacan no eixo inferior do enunciado (vetor que principia no significante e entrecruza o matema do significado do Outro e do Outro dirigindo-se à voz), a demanda como apelo à presença do Outro e que chamará de cadeia do “discurso da demanda” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 39) ou “discurso concreto” (p. 420). É a isso que nos referíamos ao apontarmos o discurso coeso.

E, se é a estrutura de uma linguagem que a psicanálise descobre no para-além da fala, a segunda, demanda do Outro, por sua vez, inscreve-se na via de retorno do eixo superior da enunciação (vetor que parte do matema da pulsão em direção ao matema do significante de uma falta no Outro), pois, cabe lembrar que o sujeito recebe do Outro sua própria mensagem de maneira invertida. À cadeia inconsciente veiculada no eixo da enunciação (vetor que parte do gozo e entrecruzando o matema do significante de uma falta no Outro e da pulsão dirige-se à castração), Lacan chamará de cadeia do “discurso do ser” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 44), embora sustente que, nesse nível, o sujeito não pode se articular como discurso. Por consequência, o Eu pode apenas “lê-lo como um *Isso fala* [grifo do autor]” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 422).

Posto isto, Miller (1982-1983/2018b) argumenta que o que há em comum entre o fantasma na histeria e na neurose obsessiva é tornar o Outro completo. No entanto, se a mensagem que o sujeito recebe em resposta ao seu apelo ao Outro é interrompida, por qual operação torna-se possível tornar o Outro completo no fantasma? Trata-se de uma operação que equaciona o gozo, a demanda do Outro e o uso do falo simbólico efetuado na metáfora paterna, e que incide no lugar circunscrito pela falta no Outro. Reservaremos um exame mais detalhado dessa operação em um trabalho futuro, porém, indicaremos aqui o estritamente necessário para nossa argumentação, pois nos permitirá apreciar uma

contraprova do argumento que o fantasma reassegura a eficácia do traço unário.

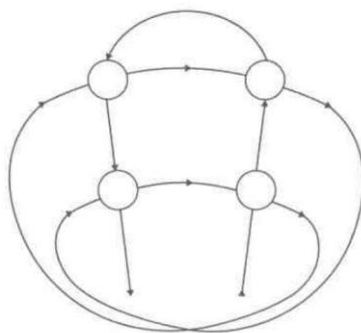
Apontamos inicialmente que a mensagem invertida e insistente é coordenada pela busca do objeto perdido, sendo que ambas interessarão para Lacan dar conta do fantasma. Na resposta ao enigma do desejo do Outro, estamos falando, portanto, de algo que inconscientemente ajusta-se aos efeitos do significante. Todavia, nem tudo é abarcado pelo significante. A introdução do objeto *a* no ensino de Lacan formaliza precisamente isso:

[...] ele é justamente o que resiste a qualquer assimilação à função do significante, e é por isso mesmo que simboliza o que, na esfera do significante, sempre se apresenta como perdido, como o que se perde para a 'significantização' (Lacan, 1962-1963/2005, p. 193).

Ademais, o objeto *a* "é aquilo que falta, é não especular, não é apreensível na imagem" (Lacan, 1962-1963/2005, p. 278). Aqui, vale apontar que da série dos objetos *a*, apenas o objeto olhar e voz seriam não especulares (Eidelsztein, 2017; Miller, 1982-1983/2018b). Assim, o objeto *a* é aquilo que, por ser não especular, não entra na imagem da unidade virtual do eu – contemplando aqueles resíduos do corpo despedaçado; mas é também aquilo que, resistindo à significantização, tampouco é simbolizado. Sendo assim, tão logo exista um ser falante, há um sujeito veiculado pela cadeia significante, mas há também **produção de restos**. Para tentar exemplificar propomos pensar nos efeitos que um olhar pode ter sobre nós, produzir uma impressão de estranheza. Pode-se certamente tentar recobrir o caráter de estranheza do olhar, tamponando seu enigma com uma interpretação particular. Contudo, o que nossos olhos viam no exato momento em que nos interrogamos seria francamente da ordem do insondável.

Aqui, é preciso darmos um passo intermediário com Eidelsztein (2017, p. 42), que, ao propor inscrever a figura topológica do oito interior sob o grafo do desejo, evidencia a continuidade entre os eixos do enunciado e da enunciação, ligando voz e gozo, e castração e significante, como observa-se na figura a seguir:

Oito interior inscrito no grafo do desejo



Fonte: Eidelsztein (2017, p. 42).

Demarcamos que o autor aponta que essa figura topológica corresponde à “noção de sujeito dividido” (Eidelsztein, 2017, p. 43). Julgamos tal movimento coerente com a proposta lacaniana de situar o inconsciente não em uma profundidade inefável, mas na superfície mesma do texto clínico. Estabelecendo essa continuidade, a ligação entre voz e gozo nos permite assumir que os restos produzidos uma vez que exista um sujeito falante retornam pela via do gozo do Outro no lugar circunscrito no matema do S de A barrado.

Sendo os matemas polivalentes, um dos valores dados por Lacan ao matema em questão é de que “não existe metalinguagem que possa ser falada” (Lacan, 1960/1998e, p. 827), de modo que uma das implicações decorrentes disso é a noção de que “não há no Outro nenhum significante que possa [...] responder pelo que sou” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 322). Dessa forma, uma vez que o Outro é o conjunto dos significantes disponíveis ao ser falante, não é paradoxal que esse significante que falta no campo do Outro venha a ser equacionado no matema justamente com... um significante? Segue-se que esse significante, por faltar no campo do Outro, deva provir de outro campo? O neologismo não é algo característico da neurose. Por outro lado, o que é bastante característico do neurótico é deixar-se representar enquanto sujeito por significantes do campo do Outro, que se manifestam na clínica para nomear coisas muito diversas daquilo que intencionava, sendo o lapso o exemplar privilegiado disso. Essa é a definição mesma de mal-entendido.

Com efeito, nesse ponto somos levados a tomar em consideração a mensagem invertida e interrompida que retorna como demanda do Outro. É no caminho que parte do matema de S barrado punção de D com destino ao S de A barrado que Lacan concebe que a metáfora paterna tem lugar, ao instalar o falo simbólico (Φ) que tem o valor de um “significante do gozo” (Lacan, 1960/1998e, p. 838). Em outras palavras, que ao incidir sobre os restos do objeto *a* produzidos pela fala que retornam como gozo do Outro, faz esse gozo passar ao gozo fálico, ao sentido. Este significante é privilegiado por ser “destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado” (Lacan, 1958/1998c, p. 697). Verificamos então que a metáfora paterna procede por uma espécie de artifício: extrai um significante do campo do Outro para suprir a falta de um significante que responda pelo que o sujeito é, *completando a mensagem interrompida e, por consequência, o Outro*. Nesse sentido, Miller argumenta que “o Nome-do-Pai é o que redobra o Outro – o Outro não barrado” (1982-1983/2018b, p. 128).

Entretanto, para aceder a essa condição de significante privilegiado, é preciso que o falo simbólico tenha sido “subtraído [...] da comunidade imaginária” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 135) com a castração do falo imaginário ($-\Phi$), que incide sob uma parte do corpo imaginário enquanto objeto (*moi*) constituído originalmente na relação especular com a mãe. Com essa operação, este falo imaginário “é negativizado em seu lugar na relação especular”, sendo o pivô da dialética entre demanda e desejo, mas também predestinado “a dar corpo ao gozo, na dialética do desejo” (Lacan, 1960/1998e, p. 836).

Sendo assim, avaliamos que um dos méritos da proposta de Eidelsztein (2017) de inscrever o

oito interior no grafo do desejo consiste em especificar que os restos daquilo que é não especularizado e que resiste à significantização na fala revolve como gozo do Outro no lugar da falta no Outro, algo que não fica evidente se nos referirmos ao grafo sem essa referência. Uma vez ali, o significante insiste em tentar reabsorver estes restos ao campo do sentido fazendo que – nessa “paixão do significante” (Lacan, 1958/1998c, p. 695) – recebam “a marca da Verdrängung do falo (mediante o que o inconsciente é linguagem)” (Lacan, 1958/1998c, p. 700). Insistimos que isso se dá em partes, pois há uma parte do resto de gozo que se mantém irredutível a essa operação da metáfora paterna. Em outras palavras, a parte desse resto que é negativizada para passar ao gozo fálico por meio dessa operação deixa de ser um resto como tal para assumir uma existência simbólica no inconsciente, enquanto recalçado. Portanto, uma vez que tal passagem à existência se dá por meio da operação da metáfora paterna, entendemos que a especificação contida na proposta de Eidelsztein apresenta-se como uma importante chave que nos orienta na leitura do circuito da criação ex-nihilo, à qual tanto insiste Lacan, no grafo do desejo.

Qual seria, todavia, a relação disso com o fantasma? Ora, a resposta fantasmática à pergunta pelo/do desejo do Outro é constituída como um produto desse equacionamento complexo entre o gozo e a demanda do Outro em sua relação com a operação da metáfora paterna que torna o Outro completo. Assim, na operação da castração imaginária no lugar do eu (*moi*) na relação especular, a negativização promovida por essa operação é transposta também para a imagem na cena fantasmática, de modo que o fantasma “contém o (-φ)” (Lacan, 1960/1998e, p. 840). Deste modo, o falo se impõe como aquilo que “vela ao mesmo tempo que lhe dá seu instrumento” (Lacan, 1960/1998e, p. 837), pois, se incidindo enquanto simbólico (Φ) no lugar de uma falta no Outro faz parte do resto de gozo passar ao sentido, por outro, por seu próprio efeito determina que o gozo seja velado (-φ) na cena fantasmática, de tal modo que, como observa Tyszler, “velando, designa [...] esse gozo que é específico para o sujeito” (2006-2008/2014, p. 145), e que é aquilo que fundamentalmente nos interessa em uma análise.

É por essa operação que o objeto *a* sofre uma “queda” e “se encarna [como] o objeto *a* da fantasia [fantasma], suporte do desejo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 194). No entanto, uma vez que esse gozo se liga a um objeto *a* não-especular e que resiste à significantização, Tyszler aponta que se trata de um “ponto umbilical que escapa ao sentido e à representação” (2006-2008/2014, p. 22). Desta maneira, esse gozo que não pode ser exaustivamente simbolizado pela metáfora paterna é o que faz com que a posição do sujeito no fantasma, ainda que ambígua e misteriosa, possa ser pelo analista minimamente situada, por fornecer *um ponto de ancoragem* naquilo que há de real nesse gozo. Servindo como uma espécie de contrapeso, esse gozo confere certa fixidez a posição de um sujeito *des*substancializado (Miller, 1981/2018a; 1982-1983/2018b) que, de outra maneira, não deixaria lastrear-se pelo objeto no fantasma.

Se é de uma cena que se trata no fantasma, essa cena organiza-se desde o entorno desse ponto real de gozo e é limitada pelas bordas de um enquadre. Com efeito, para articular a relação do fantasma com o real, Lacan toma o fantasma como uma janela que enquadra a realidade em referência

ao quadro de Magritte, de uma tela cuja pintura da paisagem se superpõe quase tão perfeitamente – não fosse a borda da tela – à própria paisagem (indicando com isso que toma-se o real pela montagem imaginária-simbólica da realidade), e nos adverte que “seja qual for o encanto do que está pintado na tela, trata-se de não ver o que se vê pela janela” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 85). Trata-se precisamente de que esse gozo não seja desvelado, pois, do contrário, revelar-se-ia o vazio.

Esse gozo velado em um objeto encarnado no fantasma é justamente o ponto em que o sujeito não consegue se nomear, diante do qual envergonha-se, enoja-se, horroriza-se, angustia-se. Tais manifestações indicam uma vacilação da metáfora paterna em simbolizar a parte que lhe cabe do gozo, em maior ou menor grau e extensão. Assim, Lacan fará a estrutura da angústia girar em torno do $(-\phi)$ do fantasma em que se implica aquele equacionamento. Trata-se da irrupção de algo não simbolizado que positiva o (ϕ) , pois, para “poder ter o falo, para poder fazer uso dele, é preciso, justamente não o ser”, sendo que “quando voltamos às condições em que parecemos sê-lo [...] é sempre muito perigoso” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 122).

É o advento de algo não reconhecido, não validado pelo Outro, que tem o valor de não-eu, do duplo no fenômeno do *Umheimlich*, e que Lacan (1962-1963/2005) toma como estritamente articulado ao afeto da angústia. Cabe destacar que esse fenômeno não teria o valor das “irrupções do inconsciente, mas sim a esse tipo de desequilíbrio que se produz na fantasia [fantasma] quando, ultrapassando os limites a ela atribuídos de início, ela se decompõe” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 344) e, isso que é decomposto como não reconhecido ou validado pelo Outro decai até o eixo especular. E, nessas condições, Lacan (1962-1963/2005) toma essa série de acontecimentos como contendo um *empuxo à despersonalização*, em maior ou menor grau e extensão. Portanto, isso que decai perturba o senso de ser idêntico a si mesmo, conferindo ao afeto da angústia um valor particular na clínica.

Considerações finais

Em nosso percurso, fomos levados a sustentar que o fantasma tem uma elasticidade para acomodar certa posição do sujeito naquilo que há de opaco no desejo do Outro, e por isso é uma resposta. Enquanto resposta avaliamos tratar-se do produto de um equacionamento entre gozo e demanda do Outro à medida em que a operação da metáfora paterna incide sobre o lugar do significante de uma falta no Outro. É essa operação que provê o roteiro recalcado que articula a cena fantasmática.

Ao mesmo tempo, por recusar ao sujeito que se saiba desejo do Outro, o fantasma serve como um recurso de apagamento de eventuais contradições que o *Che vuoi?* possa colocar para a posição que o neurótico ocupa em relação ao desejo como sujeito, mas isso em relação a como o neurótico se entende como um eu (*moi*). Assim, o fantasma reassegura a eficácia do traço unário permitindo que, ao nível do eu, o neurótico possa preservar seu senso de ser idêntico a si mesmo.

Por outro lado, o que a experiência da angústia revela é que o fantasma deixa de funcionar momentaneamente como esse recurso que se presta à defesa e, devido aos efeitos do empuxo à despersonalização que isso comporta, produz-se a perturbação nesse senso, de tal modo que essa

perturbação adquire um interesse fundamental para situar a direção do tratamento em cada caso, prescrevendo o sentido em que a construção do fantasma deveria progredir por intermédio da elaboração do gozo enigmático envolvido no sintoma.

Nesse sentido, dado que o *Che vuoi?* perpétuo concerne não somente ao sujeito, mas também ao eu, podemos dizer que a cada ato de fala a consistência simbólica do discurso que visa à coesão, a defesa que o [Eu] constrói para preservar o mundo simétrico de $a = a$ pela via da parcialização, da escolha de uma alternativa simbólica entre outras, está sendo posta à provas. Desse modo, levando em consideração o que buscamos articular aqui, propomos a questão de se os chamados “novos sintomas” deveriam ser qualificados como uma novidade efetiva das subjetividades nesses tempos que correm? Ou, antes, devem ser tomados como uma reconfiguração do mal-estar que responde de modo particular em cada caso às mudanças na cultura – mudanças que na clínica aparecem inscritas tanto na fantasmática que busca suturar o enigma em relação ao sexo e ao ser quanto no que, desse enigma, manifesta-se como sintoma – mas, sem comportar com isso uma modificação estrutural na definição mesma do sintoma?

Notas:

1. O presente artigo consiste em um recorte da dissertação intitulada *Da fantasia ao fantasma na direção do tratamento*: um estudo em Freud e Lacan, orientada por Rosane Zétola Lustoza e apresentada por Marcelo Waldir Araldi em novembro de 2022 no âmbito do mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPR, linha de Psicologia Clínica.
2. Considerando algumas argumentações acerca da tradução do conceito de fantasma/fantasia (Gerbase, 1987; Roitman, 1988/2013; Fonsêca, 2014; Abreu & D’Agord, 2021), optamos por empregar o termo fantasma. A razão deve-se a que, se o eixo especular, onde Lacan situará as fantasias do eu, está relacionado por uma homologia com a estrutura do fantasma, avaliamos existirem duas alternativas: ou as cenas do devaneio já são a Outra cena, ou a Outra cena redobra a cena do devaneio. A primeira opção, como aponta Gerbase (1987), foi o caminho escolhido pelos kleinianos, sendo rechaçada por Lacan em mais de um lugar, mas, por exemplo, ao indicar que “nosso modelo [óptico] destacou-se numa fase preliminar de nosso ensino em que nos era preciso desentulhar o imaginário como demasiadamente valorizado na técnica. Já passamos desse ponto” (Lacan, 1961/1998f, p. 688). Assim, se Lacan refere-se à Outra cena do inconsciente, avaliamos que isso já seria o suficiente para indicar que se trata da segunda opção por contemplar a maior parte dos argumentos consultados, em que o fantasma é apreendido como o produto de uma amarração particular entre Real, Simbólico e Imaginário, ainda que guarde uma relação com o devaneio, como teremos ocasião de explorar na sequência deste artigo. Não obstante, como nas traduções brasileiras convencionou-se empregar o termo fantasia tanto para o devaneio quanto para o fantasma,

demarcaremos nas passagens citadas com [fantasma] onde avaliarmos ser a escolha mais apropriada.

Referências Bibliográficas

- Abreu, T. M. de, & D'Agord, M. R. de Leão. (2021). O "fantasme" em Jacques Lacan, o Intraduzível em questão. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 13(1), 101-111. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v1p.101>
- Eidelsztein, A. (2017). *O grafo do desejo*. São Paulo: Toro Editora.
- Fonsêca, L. P. (2014). Prefácio. In J.-J. Tyszler. *O fantasma na clínica psicanalítica* (pp. 7-10). Recife: Ed. da Association Lacanienne Internationale.
- Gerbase, J. (1987). Fantasia ou fantasma. *Falo - Rev. Bras. do Campo Freudiano*, 1, 45-50.
- Iglesias, E. L. (2007). A angústia e os novos sintomas. *Estudos de Psicanálise*, (30), 57-64. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372007000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998b). Seminário sobre "A carta roubada". In *Escritos* (pp. 13-66). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955).
- Lacan, J. (1998c). A significação do falo (*Die Bedeutung des Phallus*). In *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998d). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998e). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1998f). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In *Escritos* (pp. 653-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).
- Lacan, J. (1998g). Posição do inconsciente. In *Escritos* (pp. 843-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 843-864. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2010). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959).
- Lustoza, R. Z., Cardoso, M. J. d'E., & Calazans, R. (2014). "Novos sintomas" e declínio da função paterna:

- um exame crítico da questão. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 201–213. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003>
- Lustoza, R. Z. & Calazans, R. (2010). Alcance e valor do nome-do-pai atualmente: algumas considerações. *Psicologia Em Estudo*, 15(3), 557–565. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pe/a/P6G3K5hN6tNpTXkGXgqjvz/>
- Miller, J.-A. (2018a). La lógica del significante. In *Matemas II* (pp. 7-52). Buenos Aires: Manantial. (Trabalho original publicado em 1981).
- Miller, J.-A. (2018b). *Del sintoma al fantasma. Y retorno*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1982-1983).
- Soler, C. (2018). *Rumo à identidade*. São Paulo: Aller,
- Roitman, A. (2013). Notas de tradução. In *Percurso de Lacan: uma introdução* (pp. 213-215). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1988).
- Tarrab, M. (2006). Produzir novos sintomas. *aSEPHallus*, 1(2), 1-5. Recuperado de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_02/artigo_05port_edicao02.htm
- Tyszler, J.-J. (2014). *O fantasma na clínica psicanalítica*. Recife: Ed. da Association Lacanienne Internationale. (Trabalho original publicado em 2006-2008).

Citação/Citation: Araldi, M. W. & Lustoza, R. Z. (nov. 2023 a abr. 2024). Sobre o lugar e a função do fantasma entre os anos de 1953 a 1964 do ensino de Lacan. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(37), 37-55. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n37p37-55.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 09/12/2023 / 12/09/2023.

Aceito/ Accepted: 15/01/2024 / 01/15/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.